
A influência da mídia no corpo deficiente: construções identitárias nas sociedades contemporâneas¹

Fabício de Paula SANTOS²
Joana Pimenta MAIA³
Universidade FUMEC, Belo Horizonte, MG

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo discutir como a mídia influencia na construção das identidades sociais do deficiente através do corpo. Reflete acerca da lógica binária entre o culto ao corpo e as pessoas com deficiência, em especial aquelas que possuem deficiência física e que se encontram fora dos padrões do corpo referencialmente estabelecido pelas sociedades. Discute como os estereótipos são criados socialmente e como eles influenciam de forma negativa ou pejorativa as minorias sociais. Por fim, evidencia como o corpo se torna um importante objeto que apresenta ou representa os indivíduos nas relações sociais a partir do outro.

PALAVRAS-CHAVE: mídia, corpo, representação, deficiente.

Abstract

This article aims to discuss how the media influences the construction of the social identities of the disabled through the body. It reflects on the binary logic between the worship of the body and people with disabilities, especially those who are physically disabled and who are outside the body standards referentially established by societies. It discusses how stereotypes are socially created and how they negatively or pejoratively influence social minorities. Finally, it shows how the body becomes an important object that presents or represents individuals in social relations from the other.

Keywords: media, body, representation, handicapped.

¹ Trabalho apresentado na DT 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XXIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 7 a 9 de junho de 2018.

² Mestrando do Curso de Estudos Culturais Contemporâneos da FUMEC –MG, e-mail: fabricio.santos@unipacofaiete.edu.br

³ Mestranda do Curso de Estudos Culturais Contemporâneos da FUMEC –MG, e-mail: joanapimentato@gmail.com

Por ser um importante veículo de comunicação que exerce forte influência na vida cotidiana dos indivíduos, a mídia ganha atenção especial na contemporaneidade através dos conteúdos simbólicos que fazem circular dentro de uma cultura. Nosso cotidiano é construído por relações sociais construídas a partir do outro, onde recebemos e também influenciemos o meio que estamos inseridos. Nesse sentido, a mídia, importante veículo de circulação de informação, vem transformado as configurações identitárias sociais e também pessoais.

O corpo na contemporaneidade tem seu sentido ressignificado constantemente de acordo com os valores culturais que são (pré) estabelecidos a ele socialmente, configurando assim, as construções das identidades por meio da marcação de suas diferenças. Logo, cada cultura pode apresentar um corpo de forma diferente como referencial ou ideal.

Desde a antiguidade o corpo já assumia um papel representativo nas sociedades. Na Idade média o corpo era atrelado a teia simbólica construída pela igreja católica sendo ao mesmo tempo divino, santo, quanto profano e pecaminoso. No período renascentista, a concepção de corpo se difere da anterior, apropriando-se do imaginário do homem, passando a significar algo belo e perfeito, especialmente no que diz respeito às artes. Aos poucos uma visão mais ampla do corpo vai se estabelecendo, abrindo caminho nos avanços dos estudos de anatomia e fisiologia. O corpo nas artes contemporâneas já não é mais visto como perfeito e sim, um corpo vivido através de suas formas e desformas, assumindo assim a complexidade do homem (MAROUN; VIEIRA, 2008).

O corpo fragmentado, representado aqui pelo deficiente físico, se apresenta como um corpo excluído diante o ideal estético construído socialmente. A representação do corpo mutilado sofreu grandes influências no processo histórico e cultural, onde sua espetacularização pelo horror ou aberração foi evidenciada. Conforme Courtine (2008) os *freaks shows* (final século XIX e início do século XX) na Europa e Estados Unidos foram exemplos desta cultura *voyeurística*. Ele afirma que “a teratologia constituiu um avanço crucial no conhecimento do ser vivo pelo fato de ter mostrado pertencerem à espécie humana certas formas de vida que pareciam manifestar diante dela a mais irreduzível alteridade”. Os *freaks-shows* apresentavam seus corpos deformados como

forma de divertimento, evidenciando naquela época, como o corpo classificava o deficiente físico, sendo este, sua minoria na sociedade.

Andrade (2017) ressalta que o corpo *freak* trata de um corpo que não é reconhecido; renegado e incompleto, fora dos padrões e ideal da contemporaneidade imposto por uma lógica de cultura capitalista ordenada por um padrão ainda vitruviano que se assemelha por uma perfeição física.

Segundo Mendes (2012) o corpo considerado diferente em demasia era ridicularizado e utilizado como espaço preferencial de chacota e comédia sobre a vida pública e privada, funcionando como uma espécie de anestésico social. Neste contexto, o corpo deficiente era sinônimo de monstruosidade, ou seja, os deficientes ou pessoas com alguma anomalia, na sua representação social, seriam e deveriam ser negadas e repudiadas.

Fontes (2006) apresenta o corpo dissonante, exemplarmente ilustrado pelo corpo de pessoas com deficiência física, sendo este só atrativo e consumível para uma cultura de massa sob a configuração de espetáculo ou denúncia. Segundo o autor, este corpo sem autonomia e limitado em sua capacidade de deslocamento e, por que não dizer de encenação estética (vale ressaltar aqui que não nos referimos ao corpo doente, enfermo, mas apenas do corpo desprovido de uma função, um corpo limitado fisicamente), passa pelo mundo silenciosamente, praticamente invisível aos olhos sociais.

Na contemporaneidade esta analogia do corpo deficiente como forma espetacular ao horror é questionada e repensada, mas, ainda sim, vai à contramão dos adeptos a cultura do corpo belo e referencial, que em larga escala, constrói a nossa identidade exterior.

Neste contexto, podemos pensar que a cultura do corpo belo passa a ser transformada devido às diferenças culturais existentes. Segundo Bhabha (2005), ao referir-se sobre as diferenças culturais, o autor coloca que os embates de fronteira sobre essas diferenças têm tanta possibilidade de serem consensuais quanto conflituosos. Os valores atribuídos pelo corpo belo e ideal na contemporaneidade, provoca reflexões e discussões, pois deixam de lado os corpos “diferentes” /deficientes ou não eficientes. Sendo assim, tudo que não se remete ao belo, eficiente e ao que a sociedade coloca como padrão de referência, está cada vez mais longe dos holofotes e das mídias.

A mídia conhecida hoje sendo sinônimo de “meio de comunicação social” diz respeito aos veículos responsáveis pela difusão das informações, como rádio, jornais,

revistas, televisão, vídeo, entre outros. Ela ganhou esse sentido a partir do século XX após os processos de globalização que possibilitaram trocas comerciais em escala global, além de impulsionar o estreitamento entre os continentes, favorecendo dessa forma a propagação mundial do conhecimento (CANCLINI, 2011).

Com o desenvolvimento tecnológico também ocorrido nesse século, a transmissão das informações via ondas eletromagnéticas em larga escala, propiciaram a difusão da comunicação através do globo, alcançando as pessoas que se encontravam separada ao redor do mundo. Têm-se nesse momento, uma relação entre espaço-tempo cada vez menor e uma interconectividade mundial cada vez maior (HALL, 2006; THOMPSON, 2011).

Essa nova organização das interações sociais a partir de um novo espaço e tempo, ganha lugar de destaque na vida social dos indivíduos, pois permite sua interação nos mais diferentes lugares e momentos. Hoje, o distanciamento espacial não significa mais o distanciamento temporal, sendo possível transmitir as informações por distâncias cada vez maiores em um tempo cada vez menor alcançando uma grande massa populacional (THOMPSON, 2011).

Discutindo a ideia de influência midiática na vida cotidiana, Kelnner (2001), faz uma crítica sobre essa questão dizendo que a cultura da mídia como televisão, rádio e cinema, constituem os valores e identidades na vida das pessoas. Na contemporaneidade, como a palavra de ordem é o corpo forte, belo, jovem e perfeito, mostra que há uma tendência hegemônica que busca o corpo ideal, marcado, divulgado e amparado pela mídia.

Não podemos deixar de citar as redes sociais e mídias digitais que também contribuem para reforçar o corpo como referencial, pois o “*selfie*” é um poderoso recurso de consolidação desses padrões no cotidiano. Devemos considerar também os perfis das pessoas dedicadas às questões estéticas do corpo, que reforçam a ditadura do corpo belo, ideal e “saudável” diariamente em suas colunas, *blogs*, etc.

Em contrapartida, nas redes sociais também surgem sujeitos comuns que contestam (com humor ou não), esses padrões estéticos. Através dessa idolatria corporal, as redes sociais “tiram de cena” as pessoas que não querem ou não alcançam esse “modelo” estético padronizado. Assim, podemos pensar que toda essa influencia da mídia que coloca o corpo em evidência, desperta o interesse comercial e o lucro, que estão por detrás de todos os aparatos para deixar o corpo cada vez mais belo. A mídia se

torna portanto, uma forma de cultura comercial e seus produtos são mercadorias que tentam atrair o lucro privado produzido por empresas gigantescas que estão interessadas na acumulação de capital (KELNNER, 2001).

Já na menção de Peres (2009) a imagem da corporeidade de nossa cultura racionalizada, cientifizada e industrializada, reduz o corpo a um objeto de uso em conformidade com os interesses econômicos, políticos e ideológicos de outros grupos ou classes sociais, fazendo com que o corpo se torne uma ferramenta de produção, que traria lucro e crescimento econômico ao meio no qual está inserido.

Percebe-se assim, que o corpo ao longo dos anos vem sendo vivido, percebido e interpretado pelas mais diversas técnicas e formas de controle, incorporando-se dentro dos mais variados meios de produção e consumo. Segundo Trasferetti (2008), a questão do corpo na sociedade capitalista está profundamente marcada pela cultura contemporânea, que valoriza o corpo enquanto individualidade, capacidade de decisão, autonomia, liberdade, mas, ao mesmo tempo, produto cultural.

Para Campos (2010), no contexto atual, as pessoas estão sofrendo psiquicamente por não se encontrarem nos padrões de beleza que a mídia nos impõe, por falta de condições financeiras para as práticas corporais modificadoras, ou por não conseguirem atingir este padrão, se sentem excluídas, marginalizadas e ridicularizadas.

Fazendo uma análise neste contexto de ridicularização ao que se opõe ao modelo padrão estético, observamos como as pessoas obesas, idosas e deficientes muitas vezes são expostas nos programas de TV de forma pejorativa, como um modelo a não ser seguido ou como não saudável.

A percepção do corpo em geral e do próprio corpo em particular fica assim dominada pelas telas das imagens encenadas. Os videoclipes, as publicidades, as bancas de revistas destituem de sentido não apenas todas as aparências que não se enquadram nos seus moldes, mas, mais do que isso, todos aqueles que ficam na sombra, às margens das luzes gloriosas do exibicionismo (SANTAELLA, 2004,p.131).

Neste contexto, foram criados "modelos" de referência quase inatingíveis, pois o corpo "vendido" passa distante da realidade da maioria das pessoas. Esse novo discurso de corpo do sujeito contemporâneo revela também uma relação direta na perspectiva do poder e representação que, segundo Silva (2014), todas as práticas de significação que produzem significados envolvem relação de poder, incluindo o poder para definir quem é incluído e quem é excluído. Voltando para a ideia do corpo e poder, o culto exagerado ao corpo dita quem está dentro e quem está fora deste contexto.

Foucault (1988) coloca que o poder incide sobre a vida das pessoas e tomam os corpos dos indivíduos como alvos e pontos de aplicação, investindo-os e produzindo-os conforme uma ordem moral, social, política, produtiva e normativa capitalista-burguesa. Notamos assim, que o sujeito contemporâneo, dentro da perspectiva do corpo e poder, assume uma posição de “status” e orgulho que o corpo belo e referencial lhe proporciona.

A partir da intensificação das interações entre indivíduo e sociedade favorecida pela nova organização espaço-temporal, têm-se, a construção das chamadas identidades. Nas antigas sociedades tradicionais, poderia se considerar que as identidades eram fixas, sólidas e estáveis. Os lugares sociais dos indivíduos já eram pré-estabelecidos sem possibilidade de mudança, o que significava que, nascidos em um mesmo grupo ou classe social, o sujeito seguia assim por toda sua trajetória de vida. Nas sociedades modernas, no entanto, as identidades tornaram-se móveis, múltiplas e sujeitas à mudança (KELLNER, 2001, p.295).

Atualmente a mídia ganha destaque no que se refere ao modo de exercer influência na construção das identidades culturais e pessoais, pois permite a circulação dos mais diferentes discursos sociais. Esse trânsito de informações entre sociedades possibilitada pelos processos de globalização e facilitados pelos avanços tecnológicos advindos de tais processos permite a construção e a propagação de discursos que podem ser considerados heterogêneos; híbridos (CANCLINI, 2011).

As identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença. A identidade, pois, não é oposto da diferença: a identidade depende da diferença.

Utilizo o termo “identidade” para significar o ponto de encontro, o ponto de sutura, entre, por um lado, os discursos e as práticas que tentam nos “interpelar”, nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como os sujeitos sociais de discursos particulares e, por outro lado, os processos que produzem subjetividades, que nos constroem como sujeitos aos quais se pode “falar”. As identidades são, pois, pontos de apego temporário às posições-de-sujeito que as práticas discursivas constroem para nós. Elas são o resultado de uma bem sucedida articulação ou “fixação” do sujeito ao fluxo do discurso (...). Isto é, as identidades são as posições que o sujeito é obrigado a assumir, embora “sabendo”, sempre, que elas são representações (...) (HALL, 2016, p.111-112).

Utilizando o corpo como modelo de processos simbólicos e como este pode marcar as diferenças e criar identidades, a lógica do corpo perfeito provoca um paradoxo cultural acerca do deficiente físico que está fora dos referidos padrões impostos socialmente, excluindo-os deste contexto.

A construção das identidades acontece em um meio complexo de múltiplas interações, onde a partir de distintas influências culturais (recebidas e também concedidas) o indivíduo poderá assumir diferentes papéis segundo a cultura que pertence, ou seja, representar; dar sentido a estas identidades.

Nesse cenário de constantes trocas, é que a mídia se faz presente, influenciando diretamente nas configurações identitárias, pois por meio da produção, armazenamento, reprodução e circulação da informação o indivíduo é convidado a reformular e ressignificar sua identidade a partir das influências sofridas dentro de uma cultura, permitindo-o assumir diferentes papéis ou representações de acordo com os vários núcleos culturais que pertence (HALL, 2006; THOMPSON, 2011).

Cada vez mais os lugares sociais estão sendo modificados, muitas vezes impulsionados pela mídia que estimula os indivíduos a assumirem identidades a partir de um determinado momento histórico e valores de uma dada sociedade. Hall (2006) corrobora a temática afirmando que:

Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as identidades se tornam desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem “flutuar livremente”. Somos confrontados por uma gama de diferentes identidades (cada qual nos fazendo apelos, ou melhor, fazendo apelos a diferentes partes de nós) dentre as quais parece possível fazer uma melhor escolha (HALL, 2006, p.75).

Assumindo uma nova significação social, a mídia amplia seu poder nas sociedades atuais por meio dos discursos que circulam em programas dos mais diversos formatos, apresentando novos e velhos temas que dão espaço para as mais variadas interpretações sociais e culturais, impactando diretamente na configuração identitária dos indivíduos (BARBERO, 2009).

Com isso, temos a criação de estereótipos que fixam uma ideia negativa e/ou pejorativa a respeito do outro, do que não está classificado e pautado dentro dos padrões sociais preestabelecidos, sendo os deficientes físicos incluídos neste sentido. Hall (2016) faz uma crítica aos estereótipos sociais, enfatizando que o estereótipo “limita” as pessoas e as classifica de acordo com sua cultura em: normal e anormal, categorizando os excluídos como outros e segregando o que não se identifica.

Voltando as ideias de Hall (2016), o autor também cita que os grupos excluídos (ou fora do normal, dependendo da cultura) são chamados de abjetos, que segundo a autora Julia Kristeva, significa expluso.

Assim, qual é o diferencial de um esteriótipo? Esses se apossam das poucas características “simples, vívidas, memoráveis, facilmente compreendidas e amplamente reconhecidas” sobre uma pessoa; tudo sobre ela é reduzido a esses traços que são, depois, exagerados e simplificados. Este é o processo que descrevemos anteriormente. Então, o primeiro ponto é que a estereotipagem reduz, essencializa, naturaliza e fixa a diferença (HALL, 2016, p. 191)

Bhabha (2005) propõe de forma bem preliminar que o estereótipo é um modo de representação complexo, ambivalente e contraditório, ansioso na mesma proporção em que é afirmativo, exigindo não apenas que ampliemos nossos objetivos críticos, mas que mudemos o próprio objeto de análise. Sobre o discurso das minorias caracterizado pelo estereótipo, temos o corpo do deficiente como objeto de discussão e reflexão deste artigo.

Esse questionamento sobre a classificação do sujeito incluído e excluído, levanta a ideia da oposição binária que expõe e desloca essa lógica através de identidades de diferença que são frequentemente construídas, abrindo assim a possibilidade de um hibridismo cultural que acolhe a diferença sem uma hierarquia suposta ou imposta (BHABHA, 2005). Devemos entender que as relações de identidade e diferença ordenam-se, todas, em torno dessa lógica binária.

Mesmo hoje com a intensificação global da informação, ainda existem fortes discursos que prezam por valores, dentre eles, aqueles que elevam a boa aparência, a uma estética agradável e a perfeição do corpo. Discursos assim continuam influenciando gerações e podem ser chamados por Michael Foucault (1986) de “micropoderes”. Estes, dizem respeito às práticas de controle e poder que circulam no interior das sociedades, podendo ser exercidas principalmente por intermédio da mídia – que se tornou um dos principais dispositivos discursivos, reforçando o culto a beleza, ao corpo perfeito, mantendo de fora aqueles que não se encontram dentro dos padrões julgados “aceitáveis”, construindo assim, determinados discursos binários com propósitos específicos de controle dos indivíduos.

Bhabha corrobora afirmando que a construção de um estereótipo discriminatório rejeita a diferença do Outro (aquele que se encontra a margem), reduzindo-o ao julgamento generalizado da sociedade (BHABHA, 2001). Percebemos, portanto, que é através do corpo que somos identificados na sociedade, entre homem e mulher, alto ou baixo, normal ou anormal. Os deficientes físicos trazem em sua identificação social um

corpo marcado pela diferença e cria um estereótipo negativo e marginalizado socialmente.

Considerações finais

Conforme apresentado no decorrer deste artigo, a mídia configura-se na atualidade como uma das principais instituições que exerce forte influência nas construções identitárias no mundo moderno, sendo responsável pela transmissão de grande parte de valores e padrões de conduta através dos mais diversos veículos de comunicação.

O corpo na contemporaneidade tem papel fundamental na formação da identidade do sujeito e na sua representação social. Nele são impressos hábitos, valores, modelos e maneiras coletivas relacionadas á cultura em está inserido e sua imagem externa ganha um lugar de importância nas sociedades, principalmente para aqueles que apresentam algum tipo de deficiência física, que historicamente, já carregam estereótipos que conotam uma imagem diferente acerca de suas deficiências.

Através de seus veículos, a informação é apresentada ao sujeito que, permite sua interferência na construção de sua identidade, influenciando e/ou reafirmando assim, suas crenças, seus valores e opiniões através das mais diversos discursos. Portanto, a mídia é uma grande influenciadora e ditadora do culto ao corpo na contemporaneidade. Neste contexto cultural do corpo soberano, o deficiente físico encontra-se fora deste meio, pois seu corpo é silenciado pelos olhos sociais.

REFERÊNCIAS

Andrade, Sueli. **Chris Cunningham: Corpo e dejetos no vídeo contemporâneo**. 2017. 120f. Tese (Doutorado em comunicação e semiótica). PUC, São Paulo, 2017.

BARBERO, J.M. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Tradução de Ronald Polito e Sérgio Alcides. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Ed. UFMG: Belo Horizonte, 2005.

CAMPOS, Ivanir. A influência da mídia sobre o ser humano na relação com o corpo e a auto-imagem de adolescentes. **Caderno de Educação Física Marechal Candido Rondon**, v. 9, n. 17, p. 87-99, 2. sem., 2010.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas – estratégias para entrar e sair da modernidade**. 4. ed. São Paulo: UNESP, 2011.

COURTINE, J. J. “O Corpo Anormal – História e Antropologia culturais da deformidade”. In: Corbin, Alain; Courtine, Jean-Jacques; Vigarello, Georges (org.) **História do Corpo – As Mutações do Olhar: O Século XX** – volume 3. Tradução e revisão: Alves, Ephraim Ferreira. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade**, 1: A vontade de saber. 11. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FONTES, Malu. Uma leitura do culto contemporâneo ao corpo. **Revista de Comunicação e Cultural**. Vol.4 • nº1 p.117-136 Junho 2006.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Editora UFMG, 2006.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio. Apicuri. 2016.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Editora: Vozes Limitada, 2011.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia: estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Edusc, 2001.

MAROUN, Kalyla; VIEIRA, Valdo. Corpo: uma mercadoria na pós-modernidade. **Psicologia em Revista**, v. 14, n. 2, p. 171-186, 2008.

MENDES, Enicéia Gonçalves; PICCOLO, Gustavo Martins. Nas pegadas da história: tracejando relações entre deficiência e sociedade. **Revista Educação Especial**. Vol 25, nº 42 p. 32. Jan/Abr 2012.

PERES, L. S. Corporeidade e sua relação com a Educação Física: um breve resgate histórico para entendimento. **Caderno de Educação Física. Marechal Cândido Rondon**, v. 8, n. 15, p. 53-61, 2009.

SANTAELLA, Lúcia. **Corpo e comunicação: sintoma da cultura**. São Paulo: Paulus, 2004.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Editora: Vozes Limitada, 2011.

TRASFERETTI, José. O corpo e a cultura no contexto da sociedade brasileira. **Comunicação e Informação**. v.11,n.1,p. 126-137, jan-jun. 2008.